

# Revista Espírita

Jornal de Estudos Psicológicos

ANO III

JUNHO DE 1860

Nº 6

## Aviso

*A partir de 15 de julho próximo, o escritório da Revista Espírita e o domicílio particular do Sr. Allan Kardec serão transferidos para a Rua Sainte-Anne, nº 59, passagem Sainte-Anne.*

## Boletim

DA SOCIEDADE PARISIENSE DE ESTUDOS ESPÍRITAS

Sexta-feira, 4 de maio de 1860 – Sessão particular

Leitura da ata e dos trabalhos da sessão de 17 de abril.

Por sugestão e proposta da Comissão, e após a leitura da ata, a Sociedade admite no número dos sócios livres: 1º Sr. Achille R..., empregado em Paris; 2º Sr. Serge de W..., de Moscou.

*Comunicações diversas:*

1º Carta da Sra. P..., médium, de Rouen, dizendo que vários Espíritos sofredores, evocados na Sociedade, foram procurá-la espontaneamente para agradecer as preces que ela fez por eles.

Desde que ela recuperou a sua faculdade mediúnica, só tem tido trabalho com Espíritos sofredores. Foi-lhe dito que sua missão era principalmente a de ajudá-los em seu alívio.

2º Leitura de um ditado espontâneo sobre a vaidade, obtido pela Sra. Lesc..., médium, membro da Sociedade, da parte de seu Espírito familiar. (Publicado adiante.)

3º Carta do Sr. Bénardacky, datada de Bruxelas, contendo uma comunicação por ele obtida sobre a teoria da formação da Terra pela incrustação de vários corpos planetários, e o estado de catalepsia em que se encontram seus primeiros habitantes e os demais seres vivos. Tal comunicação ocorreu a propósito de um fenômeno de catalepsia voluntário que se teria produzido com alguns habitantes da Índia e do interior da África. O fenômeno consiste no fato de certos indivíduos se fazerem enterrar vivos, mediante pagamento em dinheiro, e retornarem à vida, vários meses depois, após serem retirados do sepulcro.

O Sr. Arnauld d'A..., membro da Sociedade, antigo amigo e conselheiro do finado rei da Abissínia, e que residiu muito tempo naquele país, cita dois fatos de seu conhecimento, um dos quais ocorreu na Inglaterra e o outra na Índia, e que parecem confirmar a possibilidade da catalepsia voluntária de curta duração; mas declara jamais ter conhecido fatos de natureza semelhante aos citados pelo Sr. Bénardacky. Estando o Sr. d'A... familiarizado com a língua e os costumes daquele país, que observou como homem de ciência, seria surpreendente que fatos tão extraordinários assim não tivessem chegado ao seu conhecimento, de onde se pode supor que tenha havido exagero.

*Estudos:*

1º Pergunta sobre a possibilidade de ser feita uma nova evocação do Sr. Jules-Louis C..., morto no hospital do

Val-de-Grâce em condições excepcionais, e já evocado em 24 de fevereiro (ver o número de abril). O pedido é motivado pela presença de uma pessoa de sua família, que nela tem grande interesse e, além disso, pelo desejo de avaliar os progressos que ele realizou depois. – São Luís responde que o Espírito prefere ser chamado numa sessão íntima.

2º Perguntas sobre a teoria da formação da Terra pela incrustação e o estado cataléptico dos seres vivos em sua origem, a propósito da comunicação do Sr. Bénardacky. Numerosas observações são feitas sobre o assunto por vários membros.

3º Estudo sobre o fenômeno, relatado na última sessão, de um cão que reconhece seu dono evocado. O Espírito Charlet intervém espontaneamente na questão e desenvolve uma teoria da qual ressalta a possibilidade do fato. (Publicada adiante.)

**Sexta-feira, 11 de maio de 1860 – Sessão geral**

Leitura da ata e dos trabalhos da sessão de 4 de maio.

*Comunicações diversas:*

1º Carta do Sr. Rabache, escrita de Liverpool, na qual relata uma comunicação espontânea que lhe foi dada por Adam Smith, sem que a tivesse provocado; depois a entrevista que se segue, na qual as respostas eram dadas em inglês, enquanto as perguntas eram feitas em francês. Nessa entrevista Adam Smith critica o ponto de vista que serviu de base ao seu sistema econômico. Diz ele que se hoje escrevesse o seu livro *Sentimentos Morais*, daria a estes, por princípio: a consciência inata, tendo por móvel especial o amor.

2º Segunda carta do Sr. Bénardacky, completando as comunicações obtidas sobre a catalepsia.

*Nota* – Numa sessão particular, interrogado quanto ao valor de tais comunicações, São Luís lhes confirma várias partes, mas acrescenta, por intermédio do Sr. T..., médium:

“Podeis estudar essas coisas, mas vos aconselho a não as publicar ainda. São necessários muitos outros documentos, que vos serão fornecidos mais tarde, e que as circunstâncias trarão. Publicando-as agora, correis o risco de cometer graves erros, que mais tarde sereis obrigados a reconsiderar, o que seria muito desagradável e prejudicaria o Espiritismo. Sede, pois, muito prudentes no que diz respeito às teorias científicas, pois é principalmente aí que deveis temer os Espíritos impostores e pseudo-sábios. Lembrai-vos do que vos tem sido dito muitas vezes: os Espíritos não têm a missão de vos trazer a ciência acabada, que deve ser fruto do trabalho e do gênio humano, nem de levantar todos os véus antes que o tempo tenha chegado. Tratai, sobretudo, de melhorar-vos: eis o essencial. Deus levará mais em conta o vosso bom coração e vossa humildade, do que um saber no qual a curiosidade, muitas vezes, detém a maior parte. É praticando as suas leis – praticando-as, entendi bem – que mereceis ser favorecidos pelas comunicações dos Espíritos verdadeiramente superiores, que jamais enganam.”

Não se pode ignorar a profundidade e alta sabedoria desses conselhos. Essa linguagem, ao mesmo tempo simples e sublime, marcada por extrema benevolência, contrasta singularmente com o tom altivo e categórico ou a jactância dos Espíritos que querem impor-se.

3º Leitura de uma notícia enviada pelo Sr. de T..., contendo a descrição de um mundo muito superior, ao qual seu Espírito foi transportado durante o sono. Parece que esse mundo tem muita analogia com o estado indicado para Júpiter, porém num grau ainda mais elevado.

*Estudos:*

1º Dois ditados espontâneos são obtidos, um pela Sra. Parisse, assinado *Luís*, e outro pelo Sr. Didier Filho, assinado Gérard de Nerval.

2º Perguntas relativas à visão do Sr. T..., dirigidas a São Luís. Vagas e incoerentes, as respostas acusam a evidente interferência de um Espírito enganador.

3º Evocação de Adam Smith, a propósito da carta do Sr. Rabache. Perguntas sobre suas opiniões atuais, comparadas às emitidas em suas obras. Ele confirma o que disse ao Sr. Rabache, quanto ao erro do princípio que lhe serviu de base nas suas apreciações morais.

**Sexta-feira, 18 de maio de 1860 – Sessão particular**

Leitura da ata e dos trabalhos da última sessão.

A conselho e por proposta do Comitê, e após relatório verbal, a Sociedade recebeu, no número de seus associados livres: 1º Sr. B..., negociante em Paris; 2º Sr. C..., negociante na mesma cidade.

*Comunicações diversas:*

1º Leitura da comunicação seguinte, recebida em sessão particular, a propósito dos trabalhos da última sessão, pela Sra. S..., médium.

P. – Por que São Luís não se comunicou sexta-feira passada pelo Sr. Didier, e deixou falasse um Espírito enganador?

*Resp.* – São Luís estava presente, mas não quis falar. Aliás, não reconhecestes que não era ele? É o essencial. Não fostes enganados, desde que vos destes conta da impostura.

P. Com que objetivo ele não quis falar?

*Resp.* – Podeis perguntar a ele mesmo. Está aqui.

P. São Luís poderia esclarecer o motivo de sua abstenção?

*Resp.* – Ficastes contrariado com o que aconteceu; entretanto, deveis saber que nada acontece sem motivo. Muitas vezes há coisas, cujo objetivo não compreendeis, que a princípio parecem más, porque sois muito impacientes, mas cuja sabedoria mais tarde reconheceis. Ficai, pois, tranquilos e não vos inquieteis por nada; sabemos distinguir os que são sinceros e velamos por eles.

P. Se foi uma lição que quisestes nos dar, eu a compreenderia, quando estamos entre nós; mas em presença de estranhos, que poderiam ficar mal impressionados, parece que o mal sobrepuja o bem.

*Resp.* – Laborais em erro, vendo as coisas assim. O mal não consiste naquilo em que acreditais, e eu vos asseguro que houve pessoas aos olhos das quais essa espécie de revés foi uma prova da boa-fé de vossa parte. Aliás, do mal muitas vezes resulta o bem. Quando vedes um jardineiro cortar os belos ramos de uma árvore, deplorais a perda da verdura, e isso vos parece um mal; porém, uma vez suprimidos esses ramos parasitas, os frutos são mais belos e saborosos: eis o bem, e então achais que o jardineiro foi sábio e mais prudente do que supúnheis. Do mesmo modo, se se amputa um membro de um doente, a perda do membro é um mal, mas, após a amputação, se fica melhor, eis o bem, porque talvez lhe tenham salvo a vida.

Refleti bem nisto e havereis de compreender.

P. É muito justo. Mas como se explica que, apelando aos Espíritos bons e lhes pedindo que afastem os impostores, o apelo não seja atendido?

*Resp.* – É atendido, não o duvideis. Mas estais bem

seguros de que o apelo procede do fundo do coração de todos os assistentes, ou que não haja alguém que, por um pensamento pouco caridoso e malévolos, ou pelo desejo, atraia para o meio de vós os Espíritos maus? Eis por que vos dizemos incessantemente: Sede unidos; sede bons e benevolentes uns para com os outros. Disse Jesus: “Quando estiverdes reunidos em meu nome, estarei entre vós”. Acreditais, por isso, que basta pronunciar o seu nome? Não o penseis e convencei-vos de que Jesus não vai senão aonde é chamado pelos corações puros; aos que praticam os seus preceitos, porquanto esses estão verdadeiramente reunidos em seu nome. Não vai aos orgulhosos, nem aos ambiciosos, nem aos hipócritas, nem aos que falam mal do próximo. Foi a eles que Jesus se referiu: “Não entrarão no reino dos céus”.

P. Compreendo que os Espíritos bons se afastem dos que não lhes ouvem os conselhos; mas se, entre os assistentes, há mal intencionados, é isto uma razão para punir os outros?

*Resp.* – Admiro-me de vossa insistência. Parece que me expliquei com muita clareza para quem queira compreender. É preciso repetir que não vos deveis preocupar com tais coisas, que são puerilidades junto ao grande edifício da doutrina, que se ergue? Acreditais que vossa casa vai cair porque se desprende uma telha? Duvidais de nosso poder, de nossa benevolência? Não? Pois bem! deixai-nos então agir e ficai certos de que todo pensamento, bom ou mau, tem seu eco no seio do Eterno.

P. Nada dissestes a respeito da invocação geral que fazemos no começo de cada sessão. Podeis dizer o que pensais?

*Resp.* – Deveis sempre apelar aos Espíritos bons; a forma, bem o sabeis, é insignificante: o pensamento é tudo. Admirai-vos do que se passou; mas examinastes bem o rosto dos que vos escutavam quando fazíeis essa invocação? Não percebestes, mais de uma vez, o sorriso de sarcasmo em certos lábios? Que Espíritos pensais que tragam essas pessoas? Espíritos que, como elas, se riem das coisas mais sagradas. É por isso que vos digo para

não admitirdes o primeiro que vier, evitando os curiosos e os que não vêm para se instruírem. Cada coisa virá a seu tempo e ninguém pode prejulgar os desígnios de Deus. Em verdade vos digo que aqueles que hoje sorriem destas coisas não rirão por muito tempo.

*São Luís*

2º Nota dirigida pelo Sr. Jobard, de Bruxelas, sobre a evocação por ele feita do Sr. Ch. de Br..., falecido recentemente.

3º Leitura de uma comunicação obtida pela Sra. Lesc..., médium, membro da Sociedade, com interessantes explicações sobre a história do Espírito e do cãozinho. (Publicada adiante.)

4º Outro ditado espontâneo do mesmo médium, sobre a tristeza e a mágoa.

5º Carta do Sr. B..., professor de ciências, sobre a teoria que lhe foi dada, das horas fixas, nas quais cada Espírito pode manifestar-se. Essa teoria é por todos considerada, sem exceção, como resultado de uma obsessão da parte de Espíritos sistemáticos e ignorantes. A experiência e o raciocínio demonstram à sociedade que ela não merece um exame sério.

6º Relato de um fato curioso, referente a um retrato pintado sob a influência de uma mediunidade natural intuitiva. O Sr. T..., pintor, tinha perdido o pai numa idade em que não podia conservar nenhuma lembrança de seus traços. Como os outros membros da família, lamentava vivamente não ter nenhum retrato dele. Certo dia, quando se achava em seu ateliê, teve uma espécie de visão, ou, antes, uma imagem se lhe desenhou no cérebro e ele se pôs a reproduzi-la na tela. Sua execução tomou várias sessões e, de cada vez, a mesma imagem se apresentava a ele. Veio-lhe a idéia de que pudesse ser seu pai, mas não falou a ninguém. Quando o retrato foi concluído ele o mostrou aos parentes e todos o reconheceram sem hesitar.

*Estudos:*

1º Quatro ditados espontâneos são obtidos simultaneamente: o primeiro, pela Srta. Huet, do Espírito que começou a escrever suas memórias; o segundo, pela Sra. S..., sobre a *Fantasia*, de Alfred de Musset; o terceiro, pela Srta. Stéphanie S..., de um Espírito familiar, falecido há alguns anos, e que em vida se chamava Gustave Lenormand. É um Espírito ainda pouco adiantado, de um caráter alegre e espirituoso, mas muito bom, muito prestativo, e que é considerado, em várias famílias onde muito aparece, como amigo da casa. Um dia havia dito que viria expulsar os Espíritos maus. O quarto, da Srta. Parisse, assinado *Luis*.

2º Evocação do Sr. B..., professor de Ciências, vivo, do qual se falou acima, e que tinha sido designado por outro Espírito como podendo dar informações sobre *François Bayle*, médico do século dezessete, cuja biografia querem fazer. O resultado dessa evocação tende a provar que *Bayle*, morto, e o Sr. B..., vivo, são a mesma pessoa. Com efeito este último forneceu as informações desejadas e deu várias explicações do mais alto interesse. (Serão publicadas.)

**Sexta-feira, 25 de maio de 1860 – Sessão geral**

Leitura da Ata e dos trabalhos da última sessão.

*Comunicações diversas:*

1º Carta do Dr. Morhéry, contendo uma apreciação, do ponto de vista científico, da medicação empregada, sob sua direção, pela Srta. Désirée Godu. (Publicada adiante.)

2º Leitura de um ditado espontâneo obtido pela Sra. Lesc..., médium, sobre a *miséria humana*.

3º Leitura de uma série de comunicações deveras notáveis, recebidas em sessões particulares por diversos membros da família russa W... (Serão publicadas.)

4º Leitura da evocação feita em sessão particular da Sra. Duret, falecida em Sétif (Argélia), a 1º de maio. Encerra importantes apreciações sobre os médiuns.

*Estudos:*

1º Evocação da Sra. Duret; série de suas comunicações.

2º Evocação de Charles de Saint-G..., débil mental de 13 anos. Faz curiosas revelações sobre o estado desse Espírito, antes e durante a sua encarnação. (Publicada adiante.)

3º Estudo sobre o Sr. V..., oficial da marinha, vivo, que conservou a lembrança precisa de sua existência e morte na época de São Bartolomeu. (Será publicada.)

## O Espiritismo na Inglaterra

Inicialmente o Espiritismo encontrou na Inglaterra uma oposição da qual, com razão, nos admiramos. Não que não tivesse encontrado partidários isolados, como em toda parte, mas ali os seus progressos foram infinitamente menos rápidos do que na França. Será que os ingleses, como pretendem alguns, sejam mais frios, mais positivos, menos entusiastas do que nós e se deixem arrastar menos pela imaginação? Que sejam menos inclinados ao maravilhoso? Se fosse assim, seria de admirar, com mais forte razão, que o Espiritismo tenha tido seu principal foco nos Estados Unidos, onde o positivismo dos interesses materiais reina como soberano absoluto. Não teria sido mais racional que houvesse surgido na Alemanha, ou na Rússia, que, a esse respeito, parece tomar a dianteira, como a terra clássica das lendas? A oposição encontrada pelo Espiritismo na Inglaterra nada tem a ver com o caráter nacional, mas com a influência das idéias religiosas de certas seitas preponderantes, rigorosamente vinculadas mais à letra que ao espírito de seus dogmas. Elas se inquietaram com uma

doutrina que, à primeira vista, lhes pareceu contrária às suas crenças. Mas assim não poderia ser por muito tempo num povo dado à reflexão, esclarecido, onde o livre-exame não experimenta nenhum entrave e onde o direito de reunião para discutir é absoluto. Ante a evidência dos fatos, tinham de se render. Ora, foi precisamente porque os ingleses os julgaram friamente e sem entusiasmo, que os apreciaram e lhes compreenderam todo o alcance. Quando, após terem observado seriamente, surgiu para eles esta verdade capital, de que as idéias espíritas têm sua fonte nas idéias cristãs, que, longe de se contradizerem, se corroboram, se confirmam, se explicam umas pelas outras, toda satisfação foi dada ao escrúpulo religioso. Tranqüilizada a consciência, nada mais se opôs ao progresso das idéias novas, que se propagam naquele país com surpreendente velocidade. Ora, lá, como alhures, ainda é na parte esclarecida da população que se encontram seus mais numerosos e mais zelosos partidários, argumento peremptório ao qual nada se tem oposto. Os médiuns se multiplicam; estabelecem-se numerosos centros, aos quais se associam membros do alto clero, proclamando abertamente suas convicções. Dirão os adversários que a febre do maravilhoso triunfou sobre a fleuma inglesa? Seja como for, há um fato notório: suas fileiras se esclarecem diariamente, a despeito de seus sarcasmos.

O desenvolvimento das idéias espíritas na Inglaterra não poderia deixar de dar origem a publicações especializadas. Elas têm agora um órgão mensal muito interessante, que se publica em Londres desde 1<sup>o</sup> de maio último, sob o título de *The Spiritual Magazine*, de onde extraímos o relato seguinte:

#### UM ESPÍRITO FALADOR

Estando em Worcester, há algumas semanas, na casa de um banqueiro da cidade, encontrei casualmente uma senhora, com cuja filha travei conhecimento, ouvindo, de sua própria boca, uma história de tal forma surpreendente que necessitei de mais de uma testemunha para lhe dar crédito. Quando interroguei nosso

hóspede sobre aquela senhora, disse-me que a conhecia há mais de trinta anos. “Ela é tão verídica – acrescentou ele – sua exatidão é tão bem conhecida por todos, que não tenho a menor dúvida quanto à realidade do que contou. É uma senhora de reputação sem mancha, de costumes irrepreensíveis, de espírito forte e inteligente, e de instrução variada”. Achava, portanto, impossível que procurasse enganar os outros ou que ela própria se enganasse. Dela várias vezes ouvira contar aquela história, sempre de maneira clara e precisa, de modo que ele se achava extremamente embaraçado. Repugnava-lhe admitir semelhantes fatos, mas, por outro lado, não ousava pôr em dúvida a sua boa-fé.

Minhas próprias observações tendiam a confirmar tudo quanto me haviam dito da dama em questão. Havia no seu ar, nas suas maneiras, mesmo na sua voz, um não sei quê difícil de enganar e que traz em si a convicção da verdade. Era-me, pois, impossível não julgá-la sincera, tanto mais que parecia falar de tais coisas com evidente repugnância. O banqueiro me havia dito que era muito difícil convencê-la a falar do assunto, porque, em geral, achava os ouvintes mais dispostos a rir do que a crer. Acrescentai a isso que nem ela nem o banqueiro conheciam o Espiritismo ou dele tinham ouvido falar.

Eis o relato dessa senhora:

“Por volta de 1820, tendo deixado nossa casa de Suffolk, fomos morar na cidade de \*\*\*, porto de mar na França. Nossa família compunha-se de meu pai, minha mãe, uma irmã, um irmão de cerca de 12 anos, eu e um doméstico inglês. Nossa casa situava-se num local muito retirado, um pouco fora da cidade, bem no meio da praia. Não havia outras casas ou construções na vizinhança.

“Uma noite meu pai viu, a poucas jardas da porta, um homem envolto num grande manto, sentado num pedaço de rochedo. Meu pai aproximou-se dele para dizer-lhe boa-noite, mas,

não obtendo resposta, voltou. Antes de entrar, contudo, teve a idéia de olhar para trás e, para seu grande espanto, não viu mais ninguém. Ficou ainda mais surpreso quando, ao aproximar-se novamente e bem examinar em redor do rochedo, não encontrou o menor traço do indivíduo, que lá estivera assentado um instante antes, nem nenhum abrigo onde pudesse ter-se escondido. Quando meu pai entrou no salão, disse: ‘Meus filhos, acabo de ver uma aparição’. Como é fácil de entender, rimos às gargalhadas.

“Entretanto, naquela noite e em várias noites seguidas, ouvimos ruídos estranhos em diversos locais da casa: ora eram gemidos, que vinham de baixo das janelas, ora parecia que arranhavam as próprias janelas e, em outros momentos, dir-se-ia que várias pessoas trepavam no telhado. Abrimos as janelas diversas vezes, perguntando em voz alta: ‘Quem está aí?’. Mas não obtivemos resposta.

“Ao cabo de alguns dias, os ruídos foram ouvidos no mesmo quarto em que dormíamos eu e minha irmã (esta tinha vinte anos e eu dezoito). Despertamos toda a casa, mas não quiseram escutar-nos; censuraram-nos e nos chamaram de loucos. Ordinariamente os ruídos consistiam em pancadas; por vezes havia vinte ou trinta por minutos; outras vezes, uma por minuto.

“Por fim, os ruídos internos e externos também foram ouvidos por nossos pais, que se viram constringidos a admitir não se tratar de imaginação. Então, se recordaram da aparição. Mas, como não estivéssemos muito apavorados, acabamos por nos habituar a todo esse barulho. Uma noite, quando batiam, como de hábito, veio-me a idéia de dizer: ‘Se és um Espírito, bate seis pancadas’. Imediatamente, ouvi bater seis golpes com toda clareza. Com o tempo esses ruídos tornaram-se de tal modo familiares que não apenas não tínhamos medo como deixaram de ser desagradáveis.

“Agora vou contar a parte mais curiosa desta história. Confesso que hesitaria em vo-la comunicar, não a tivessem testemunhado todos os membros de minha família. Meu irmão, então menino, mas agora um homem muito distinto em sua profissão, poderá, caso se faça necessário, confirmar todos os detalhes.

“Além das batidas em nosso quarto, começamos a ouvir, principalmente no salão, como que uma voz humana. A primeira vez que a ouvimos, minha irmã estava ao piano; cantávamos uma *romanza*<sup>19</sup> e eis que o Espírito se pôs a cantar conosco. Podem imaginar o nosso espanto. Não havia meio de duvidar da realidade do fato, porque, pouco depois, a voz começou a falar-nos de maneira clara e inteligível, intrometendo-se, de vez em quando, em nossa conversa. A voz era baixa, os tons lentos, solenes e muito distintos: o Espírito nos falava sempre em francês. Disse chamar-se Gaspard; mas, quando queríamos interrogá-lo sobre sua história pessoal, não respondia; também jamais quis explicar o motivo que o levara a pôr-se em contato conosco. Geralmente pensávamos que fosse espanhol, sem atinar, contudo, de onde nos vinha tal idéia. Chamava cada membro da família por seu nome de batismo; algumas vezes recitava versos e constantemente procurava inculcar-nos sentimentos de moralidade cristã, sem, contudo, jamais tocar nas questões dogmáticas. Parecia desejoso de nos fazer compreender o que há de grandioso na virtude, o que há de belo na harmonia que reina entre os membros de uma mesma família. Uma vez em que minha irmã e eu tivemos uma ligeira discussão, ouvimos a voz dizer: M... está errado; S... tem razão”. Desde que se tornou conhecido, ocupou-se constantemente em nos dar bons conselhos. Certa vez meu pai estava muito inquieto a propósito de alguns documentos que temia haver perdido e queria encontrar. Gaspard lhe disse onde estavam, em nossa velha casa de Suffolk. Procuraram e os encontraram no exato lugar que fora indicado.

19 N. do T.: Grifo nosso. Narração em verso de uma história simples e sentimental, feita para ser cantada.

“As coisas continuaram a passar-se assim durante mais de três anos. Todas as pessoas da família, sem excetuar os domésticos, tinham ouvido a voz. A presença do Espírito, de que não duvidávamos, era sempre uma grande felicidade para todos nós; era considerado, ao mesmo tempo, como nosso companheiro e nosso protetor. Um dia nos disse: ‘Durante alguns meses não estarei convosco’. Com efeito, suas visitas cessaram por vários meses. Uma noite, ouvimos aquela voz, que tão bem conhecíamos, dizer: ‘Eis-me ainda entre vós.’ Seria difícil descrever o nosso júbilo.

“Até aqui tínhamos sempre ouvido, mas jamais o vimos. Uma noite meu irmão disse: ‘Gaspard, gostaria muito de te ver’. A voz respondeu: ‘Eu vos contentarei. Ver-me-eis, se quiserdes ir até o outro lado da praça’. Meu irmão nos deixou, mas logo retornou, dizendo: ‘Vi Gaspard; ele usava um grande manto e um chapéu de abas largas; olhei por baixo do chapéu e ele sorriu’. – ‘Sim, disse a voz, intervindo na conversa, era eu.’

“A maneira por que nos deixou, de repente, foi-nos muito sensível. Voltamos a Suffolk e ali, como na França, durante várias semanas após nossa chegada, Gaspard continuou a conversar conosco.

“Uma noite nos disse: ‘Vou deixar-vos para sempre; suceder-vos-ia uma desgraça se eu ficasse junto a vós neste país, onde nossas comunicações seriam mal compreendidas e mal interpretadas.’

“Desde então – acrescentou a senhora, com um acento de tristeza, como se falasse de um ser amado, que a morte arrebatou – não mais ouvimos a voz de Gaspard.”

“Eis os fatos, como nos foram contados. Tudo isto me faz refletir e pode levar vossos leitores, quem sabe, a refletir também. Não pretendo dar nenhuma explicação, nenhuma opinião.

Direi apenas que tenho inteira confiança na boa-fé da pessoa de quem os ouvi, e subscrevo o meu nome, como garantia da exatidão de meu relato.”

*S. C. Hall*

## O Espírito e o Cãozinho

(Sociedade, 4 de maio de 1860 – Médiun: Sr. Didier)

O Sr. G. G..., de Marselha, nos transmite o seguinte fato:

“Um rapaz faleceu há oito meses e sua família, na qual há três irmãs médiuns, o evoca quase diariamente, por meio de uma cesta. Cada vez que o Espírito é chamado, um cãozinho, do qual muito gostava, salta sobre a mesa e vem cheirar a cesta, soltando pequenos ganidos. A primeira vez que isto aconteceu, a cesta escreveu: ‘Meu bravo cachorrinho, que me reconhece.’

“Não presenciei o fato, mas as pessoas, das quais o ouvi várias vezes, o testemunharam e são excelentes espíritas e muito sérias para que eu possa pôr em dúvida a sua veracidade. Perguntei a mim mesmo se o perispírito conservava partículas materiais suficientes para afetar o olfato do cão, ou se este seria dotado da faculdade de ver os Espíritos. É um problema que me parece útil aprofundar, caso ainda não esteja resolvido.”

1. Evocação do Sr. M\*\*\*, morto há oito meses, do qual acabamos de falar.

*Resp.* – Eis-me aqui.

2. Confirmais o fato relativo ao vosso cão, que vem cheirar a cesta que serve às vossas evocações, e que parece reconhecer-vos?

*Resp.* – Sim.

3. Poderíeis dizer-nos a causa que atrai o cão para a cesta?

*Resp.* – A extrema finura dos sentidos pode levar a adivinhar a presença do Espírito e até vê-lo.

4. O cão vos vê ou vos sente?

*Resp.* – O olfato, sobretudo, e o fluido magnético.

*Charlet*

*Observação* – Charlet, o pintor, deu à Sociedade uma série de comunicações muito notáveis sobre os animais, e que publicaremos brevemente. Por certo foi a esse título que interferiu espontaneamente na presente evocação.

5. Considerando que Charlet quer mesmo intervir na questão de que nos ocupamos, nós lhe pedimos que dê algumas explicações a respeito.

*Resp.* – Com prazer. O fato é perfeitamente verossímil e, em conseqüência, natural. Falo em geral, pois não conheço aquele de que se trata. O cão é dotado de uma organização muito particular; compreende o homem, eis tudo. Sente-o, segue-o em todas as suas ações com a curiosidade de uma criança; ama-o e chega mesmo a ponto – e temos muitos exemplos para confirmar o que adiantamos – de a ele se devotar. O cão deve ser – não tenho certeza, entendi bem – um desses animais vindos de um mundo já avançado, para sustentar o homem em seu sofrimento, servi-lo, guardá-lo. Acabo de falar das qualidades morais que, positivamente, o cão possui. Quanto às suas faculdades sensitivas, são extremamente apuradas. Todos os caçadores conhecem a sutileza do faro do cão; além dessa faculdade, o cão compreende quase todas as ações do homem; compreende a importância de sua morte. Por que não adivinharia a sua alma e por que, mesmo, não a veria?

*Charlet*

No dia seguinte a Sra. Lesc..., médium, membro da Sociedade, obteve em particular a explicação seguinte, sobre o mesmo assunto:

“O fato citado na Sociedade é verídico, embora o perispírito desprendido do corpo não tenha nenhuma de suas emanções. O cão farejava a presença do dono; quando digo *farejava*, entendo que seus órgãos percebiam sem que os olhos vissem, sem que o nariz sentisse; mas todo o seu ser estava advertido da presença do dono, e essa advertência lhe era dada, sobretudo, pela vontade que se desprendia do Espírito dos que evocavam o morto. A vontade humana alcança e adverte o instinto dos animais, principalmente dos cães, antes que algum sinal exterior o tenha revelado. O cão é posto, por suas fibras nervosas, em contato direto conosco, Espírito, quase tanto quanto com os homens; percebe as aparições; dá-se conta da diferença existente entre elas e as coisas reais ou terrestres e lhes tem um grande pavor. O cão uiva à Lua, conforme a expressão vulgar; uiva também quando sente a morte chegar. Em ambos os casos, e em muitos outros ainda, o cão é intuitivo. Acrescentarei que seu órgão visual é menos desenvolvido que seu órgão perceptivo; ele vê menos do que sente. O fluido elétrico o penetra quase que habitualmente. O fato que me serviu de ponto de partida nada tem de surpreendente, porque, no momento do desprendimento da vontade que chamava seu dono, o cão sentia sua presença quase tão depressa que o próprio Espírito ouvia e respondia à chamada que lhe era feita.”

*Georges (Espírito familiar)*

## O Espírito de um Idiota

Sociedade, 25 de maio de 1860

Charles de Saint-G... é um jovem idiota de treze anos, vivo, cujas faculdades intelectuais são de tal nulidade que nem

mesmo reconhece os pais e apenas é capaz de alimentar-se. Há nele uma parada completa do desenvolvimento em todo o sistema orgânico. Pensou-se que ele poderia constituir-se num interessante assunto de estudo psicológico.

1. [A São Luís] Poderíeis dizer-nos se podemos evocar o Espírito dessa criança?

*Resp.* – Podeis fazê-lo como se evocásseis um morto.

2. Vossa resposta faz-nos supor que a evocação poderia ser feita em qualquer momento.

*Resp.* – Sim. Sua alma está atada ao corpo por laços materiais, mas não espirituais; ela pode sempre se desprender.

3. Evocação de Ch. de Saint-G...

*Resp.* – Sou um pobre Espírito, preso à Terra como uma ave pelo pé.

4. Em vosso estado atual, como Espírito, tendes consciência de vossa nulidade neste mundo?

*Resp.* – Certamente; sinto bem o meu cativeiro.

5. Quando vosso corpo dorme e vosso Espírito se desprende, tendes as idéias tão lúcidas quanto se estivésseis em estado normal?

*Resp.* – Quando meu corpo infeliz repousa, estou um pouco mais livre para me elevar ao céu, a que aspiro.

6. Como Espírito, experimentais um pensamento penoso de vosso estado corporal?

*Resp.* – Sim, pois é uma punição.

7. Recordai-vos da vossa existência precedente?

*Resp.* – Oh, sim! Ela é a causa de meu exílio atual.

8. Qual foi essa existência?

*Resp.* – Um jovem libertino ao tempo de Henrique III.

9. Dissestes que vossa condição atual é uma punição; então não a escolheste?

*Resp.* – Não.

10. Como pode vossa existência atual servir ao vosso progresso, no estado de nulidade em que vos encontrais?

*Resp.* – Ela não me é nula perante Deus, que a impôs.

11. Prevedes a duração da vossa existência atual?

*Resp.* – Não; mais alguns anos e retornarei à minha pátria.

12. Desde vossa precedente existência até a encarnação atual, que fizestes como Espírito?

*Resp.* – Porque eu era um Espírito leviano, Deus me aprisionou.

13. No estado de vigília tendes consciência do que se passa ao vosso redor, apesar da imperfeição dos vossos órgãos?

*Resp.* – Vejo, entendo, mas meu corpo não compreende e nada vê.

14. Podemos fazer algo que vos seja útil?

*Resp.* – Nada.

15. [A São Luís] As preces por um Espírito reencarnado podem ter a mesma eficácia que a dirigida a um errante?

*Resp.* – As preces são sempre boas e agradáveis a Deus. Na posição deste pobre Espírito, elas em nada lhe poderão servir; servirão mais tarde, pois Deus as deixa de reserva.

*Observação* – Ninguém desconhecerá o alto ensinamento moral que resulta desta evocação. Além disso, ela confirma o que sempre foi dito sobre os idiotas. Sua nulidade moral nada tem a ver com a nulidade do Espírito, que, abstração feita dos órgãos, goza de todas as suas faculdades. A imperfeição dos órgãos é apenas um

*obstáculo* à livre manifestação das faculdades; não as aniquila. É o caso de um homem vigoroso, cujos membros seriam comprimidos por laços. Sabe-se que, em certas regiões, longe de ser um objeto de desprezo, os cretinos são cercados de cuidados benevolentes. Esse sentimento não decorreria de uma intuição do verdadeiro estado desses infortunados, tanto mais dignos de atenções quanto seu Espírito, que compreende a posição em que se encontra e deve sofrer por se ver como um refugio da sociedade?

## Conversas Familiares de Além-Túmulo

SRA. DURET

Médium escrevente, morta a 1<sup>o</sup> de maio de 1860, em Sétif, Argélia, evocada primeiro em casa do Sr. Allan Kardec, a 21 de maio, depois a 25, na Sociedade.

1. Evocação.

*Resp.* – Eis-me aqui.

2. Conhecemo-nos de nome, se não de fato; e embora jamais me tenhais visto, sois capaz de reconhecer-me?

*Resp.* – Oh! muito bem.

3. Já viestes visitar-me depois que morrestes?

*Resp.* – Não; ainda, não, mas sabia muito bem que me chamaríeis.

4. Como médium, e perfeitamente iniciada no Espiritismo, pensei que, melhor que outro, poderíeis dar-nos explicações instrutivas sobre diferentes pontos da Ciência.

*Resp.* – Responderei o melhor que puder.

5. Esta primeira evocação tem por objetivo apenas renovar, de certo modo, nosso conhecimento e nos pôr em contato. Quanto às perguntas, como são de interesse geral, prefiro fazê-las na Sociedade. Indago, pois, se consentiríeis em vir.

*Resp.* – Sim, com prazer. Responderei e pedirei a Deus que me esclareça.

6. Há cinco médiuns aqui; tendes preferência por algum deles para vos servir de intérprete?

*Resp.* – Isto me é indiferente, contanto que seja um bom médium.

7. Como médium, fostes enganada alguma vez pelos Espíritos em vossas comunicações?

*Resp.* – Oh! muitas vezes. Há poucos médiuns que não o sejam mais ou menos.

*Nota* – No dia seguinte a Sra. Duret manifestou-se espontaneamente e confessou pesar por não lhe terem feito maior número de perguntas na véspera.

8. Se não o fiz, como disse, foi porque as reservava para a Sociedade. Queria tão-somente assegurar-me se podia contar convosco.

*Resp.* – O que se faz em vossa casa também é dado para a instrução da Sociedade e, muitas vezes, é útil aproveitar os instantes em que o Espírito quer comunicar-se, pois nem sempre as condições lhe são igualmente favoráveis.

9. Quais as circunstâncias que lhe podem ser favoráveis?

*Resp.* – Há muitas que conheceis. Mas é preciso saibais que isso nem sempre depende dele. Por vezes necessita ser assistido por outros Espíritos, que podem não estar ali no momento.

10. Considerando que viestes espontaneamente, devo supor que estais num desses momentos propícios e o aproveitarei, se quiserdes. Dissestes ontem que muitas vezes fostes enganada como médium. Vedes agora os Espíritos que vos enganaram?

*Resp.* – Sim, vejo-os perfeitamente. Bem que eles ainda gostariam de me envolver, mas vejo bastante claro, agora. Não sou mais o seu joguete. Então os repilo.

11. Dissestes também que há poucos médiuns que não tenham sido mais ou menos enganados. De que depende isto?

*Resp.* – Muito do médium e daquele que interroga.

12. Poderíeis explicar mais claramente?

*Resp.* – Quero dizer que sempre é possível preservar-se dos Espíritos maus, desde que se o queira. A primeira condição para isso é não os atrair pela fraqueza ou pelos defeitos. Quanto vos teria a dizer sobre isto! Ah! se os médiuns soubessem todo o erro que cometem, dando trela aos Espíritos malévolos!

13. É no mundo dos Espíritos que cometem erros?

*Resp.* – Sim; e também no mundo dos vivos.

14. Qual o erro que podem cometer no mundo dos vivos?

*Resp.* – Vários. Para começar, tornam-se presa dos Espíritos maus, que deles abusam e os impelem ao mal, excitando todas as imperfeições que neles se encontram em germe, principalmente o orgulho e a inveja. Depois, Deus os pune, muitas vezes, pelos sofrimentos da vida.

*Observação* – Temos mais de um exemplo de médiuns dotados das mais felizes disposições, e que a desgraça perseguiu e abateu, depois de se terem deixado dominar pelos Espíritos maus.

15. Mas, então, não seria melhor não ser médium, já que essa faculdade pode arrastar a tão graves inconvenientes?

*Resp.* – Acreditais que os Espíritos maus só venham atacar os médiuns? A mediunidade, ao contrário, é um meio precioso de os reconhecer e de se resguardar contra eles. É o

remédio que, em sua bondade, Deus põe ao lado do mal. É o aviso do bom pai, que ama os filhos e quer preservá-los do perigo. Infelizmente, os que desfrutam desse dom não sabem ou não querem aproveitá-lo. São como o imprudente, que se fere com a arma que deveria servir para defendê-lo.

16. Sois vós mesma, Sra. Duret, que dais as respostas?

*Resp.* – Sou eu mesma que as dou, e vo-lo asseguro em nome de Deus. Mas creio que, se tivesse sido abandonada a mim mesma, não seria capaz de responder. Os pensamentos me vêm de mais alto.

17. Vedes o Espírito que vo-las inspira?

*Resp.* – Não. Há aqui uma multidão de Espíritos, diante dos quais me inclino, e cujos pensamentos parecem irradiar sobre mim.

18. Assim, um Espírito pode receber inspiração de outros, tão bem quanto aquele que está encarnado, e lhes servir de intermediário?

*Resp.* – Não o duvideis; muitas vezes julga responder por si mesmo, quando não é mais que um eco.

19. Quer os pensamentos sejam pessoalmente vossos, quer sejam sugeridos, pouco nos importa, desde que sejam bons, e nós agradecemos aos Espíritos bons que vo-os sugerem. Mas, então, perguntarei: por que esses mesmos Espíritos não respondem diretamente?

*Resp.* – Eles o fariam, se os interrogásseis. Foi a mim que evocastes. Eles querem responder e, então, servem-se de mim para minha própria instrução.

20. O Espírito que obsidiou um médium em vida ainda o obsidiará após a morte?

*Resp.* – A morte não liberta o homem da obsessão dos Espíritos maus; é a figura dos demônios, atormentando as almas

penadas. Sim, esses Espíritos os perseguem após a morte e lhes causam terríveis sofrimentos, porque o Espírito atormentado se sente sob uma constrição de que não se pode desembaraçar. Aquele, ao contrário, que se libertou da obsessão em vida, é forte, e os Espíritos maus o encaram com temor e respeito; encontraram o seu mestre.

21. Há muitos médiuns realmente bons, na completa acepção da palavra?

*Resp.* – Não são os médicos que faltam, mas os bons médicos são raros. Dá-se o mesmo com os médiuns.

22. Por qual sinal podemos reconhecer que as comunicações de um médium merecem confiança?

*Resp.* – As comunicações dos Espíritos bons têm um caráter com o qual não podemos nos enganar, quando nos damos ao trabalho de as estudar. Quanto ao médium, o melhor seria aquele que jamais tivesse sido enganado, pois isso seria a prova de que só atrai Espíritos bons.

23. Mas não há médiuns dotados de excelentes qualidades morais e que são enganados?

*Resp.* – Sim, os Espíritos maus podem fazer tentativas, e não triunfam senão pela fraqueza ou pela excessiva confiança do médium que se deixa enganar. Mas isso não dura e os Espíritos bons facilmente vencem, quando há vontade.

24. A faculdade mediúnica é independente das qualidades morais do médium?

*Resp.* – Sim. Muitas vezes é dada em alto grau a pessoas viciosas, a fim de ajudá-las a corrigir-se. Será que os doentes não precisam mais de remédio que as pessoas sadias? Os Espíritos maus por vezes lhes dão bons conselhos sem o saber; a isso são impelidos pelos bons. Mas elas não os aproveitam, porque, por orgulho, não os tomam para si.

*Observação* – Isto é perfeitamente exato. Muitas vezes temos visto Espíritos inferiores darem rudes lições em termos pouco comedidos; assinalar defeitos, expor ao ridículo as imperfeições alheias, com mais ou menos habilidade, conforme as circunstâncias, e por vezes de modo muito espirituoso.

25. Espíritos bons podem comunicar-se por maus médiuns?

*Resp.* – Algumas vezes médiuns imperfeitos podem receber belas comunicações, que não procederiam senão dos Espíritos bons. Mas, quanto mais sábias e sublimes, tanto mais culpados serão os médiuns por não as aproveitar. Oh! sim; são muito culpados e sofrerão cruelmente por sua cegueira.

26. As boas intenções e as qualidades pessoais de quem interroga podem conjurar os Espíritos maus, atraídos por um médium imperfeito, e lhe assegurar boas comunicações?

*Resp.* – Os Espíritos bons apreciam a intenção e, quando o julgam útil, podem servir-se de qualquer espécie de médium, conforme o objetivo a que se propõe. Mas, em geral, as comunicações são tanto mais seguras quanto mais sérias as qualidades do médium.

27. Como nenhum homem é perfeito, segue-se que não há médiuns perfeitos?

*Resp.* – Há os que são tão perfeitos quanto o comporta a humanidade terrena. São raros, mas existem; são os preferidos de Deus e se preparam grandes alegrias no mundo dos Espíritos.

28. Quais os defeitos que dão mais acesso aos Espíritos maus?

*Resp.* – Já vo-lo disse: o orgulho e a inveja, sendo esta uma consequência do orgulho e do egoísmo. Deus ama os humildes e castiga os soberbos.

29. Disso concluíis que o médium que não é humilde não merece nenhuma confiança?

*Resp.* – Não de maneira absoluta. Mas se no médium reconheceis orgulho, inveja e pouca caridade, tendes muito mais chances de ser enganado.

*Observação* – O que leva a perder muitos médiuns é o fato de se julgarem os únicos capazes de receber boas comunicações e desprezarem as dos outros. Julgam que são profetas, quando não passam de intérpretes de Espíritos astuciosos que os enlaçam em suas redes, persuadindo-os de que tudo quanto escrevem é sublime e não mais precisam de conselhos. A crença de certos médiuns na infalibilidade e na superioridade de suas comunicações é tal, que nelas tocar é quase uma profanação; delas duvidar é quase uma injúria; mais ainda: é até expor-se a deles fazer inimigos, porquanto mais valeria dizer a um poeta que os seus versos são maus. Esse sentimento, que tem por princípio evidente o orgulho, é alimentado pelos Espíritos que os assistem e que têm muito cuidado em lhes inspirar o afastamento de quem quer que os possa esclarecer. Só isto deveria ser suficiente para lhes abrir os olhos, caso não estivessem fascinados. Há um princípio, que ninguém poderia contestar: os Espíritos bons só aconselham o bem. Portanto, tudo quanto não for o *bem*, no sentido absoluto, não pode provir de um Espírito bom. Conseqüentemente, todo conselho ditado, ou todo sentimento inspirado, que reflita o menor pensamento mau, é, por isso mesmo, de origem suspeita, sejam quais forem as qualidades ou a redundância do estilo.

Um sinal não menos característico dessa origem é a lisonja, de que os Espíritos maus são pródigos em relação a certos médiuns. A propósito, sabem exaltar os dotes físicos ou as qualidades morais, afagar as secretas inclinações, excitar a cobiça e a cupidez e, mesmo censurar o orgulho e aconselhar a humildade, agrilhoar-lhes a vaidade e o amor-próprio. Um dos meios que empregam consiste, sobretudo, em convencê-los de sua

superioridade como médiuns, apresentando-os como apóstolos de missões, pelo menos duvidosas, e para as quais a primeira de todas as qualidades seria a humildade, unida à simplicidade e à caridade.

Fascinados pelo nome de seres venerados, dos quais se julgam intérpretes, não percebem as verdadeiras intenções dos falsos Espíritos, mau grado seu, porquanto seria impossível a Espíritos inferiores simular completamente todas as qualidades que não possuem. Os médiuns não se libertarão verdadeiramente da obsessão de que são alvo senão quando compreenderem esta verdade. Só então os Espíritos maus, por seu lado, compreenderão que perdem tempo com pessoas que não poderiam pegar em falta.

**Sociedade, 25 de maio de 1860**

30. Ao que parece, vosso marido possui a faculdade da vidência. Ele a tem realmente?

*Resp.* – Sim, positivamente.

31. Diz ele vos ter visto duas vezes após vossa morte. Isto é verdade?

*Resp.* – É bem verdade.

32. Os médiuns videntes estão expostos a ser enganados pelos Espíritos impostores, como os médiuns escreventes?

*Resp.* – São enganados menos vezes que os médiuns escreventes, mas igualmente podem sê-lo, pelas falsas aparências, quando não são inspirados por Deus. Sob os Faraós, ao tempo de Moisés, os falsos profetas não faziam milagres que enganavam o povo? Só Moisés não se enganava, porque era inspirado por Deus.

33. Poderíeis explicar-nos agora vossas sensações, ao entrardes no mundo dos Espíritos? Além da perturbação mais ou menos longa que sempre acompanha a morte, houve um instante em que vosso Espírito perdeu toda a consciência de si mesmo?

*Resp.* – Sim, como sempre; impossível ser de outro modo.

34. Essa perda absoluta de consciência começou antes do instante da morte?

*Resp.* – Começou na agonia.

35. Persistiu após a morte?

*Resp.* – Por muito pouco tempo.

36. Ao todo, quanto tempo pode ter durado?

*Resp.* – Cerca de quinze a dezoito de vossas horas.

37. Essa duração é variável, conforme os indivíduos?

*Resp.* – Certamente. Não é a mesma em todos os homens; depende muito do gênero de morte.

38. Enquanto se consumava o fenômeno da morte, tínheis consciência do que se passava com o corpo?

*Resp.* – Absolutamente. Deus, que é bom para todas as suas criaturas, quer poupar ao Espírito as angústias desse momento. Eis por que lhe tira toda lembrança e toda sensação.

*Observação* – Este fato, que nos tem sido sempre confirmado, é análogo ao que se passa na volta do Espírito ao mundo corporal. Sabe-se que, desde o instante da concepção, o Espírito designado para habitar o corpo que deve nascer é tomado por uma perturbação, que vai crescendo à medida que os laços fluídicos, que o unem à matéria, se apertam, até as proximidades do nascimento. Neste momento, perde igualmente toda a consciência de si mesmo e só começa a recobrar as idéias no momento em que a criança respira. Somente então a união entre o Espírito e o corpo é completa e definitiva.

39. Como se operou o instante do despertar? Vós vos reconhecestes subitamente ou houve um momento de semiconsciência, isto é, um vazio nas idéias?

*Resp.* – Permaneci nesse estado durante alguns instantes; depois, pouco a pouco, eu me reconheci.

40. Quanto tempo durou esse estado?

*Resp.* – Não sei exatamente; mas, pouco tempo. Creio que cerca de duas horas.

41. Durante essa espécie de meio sono, experimentastes uma sensação agradável ou penosa?

*Resp.* – Não sei; quase não tinha consciência de mim mesma.

42. À medida que vossas idéias clareavam, tínheis a certeza da morte do corpo, ou julgastes por um instante ainda estar neste mundo?

*Resp.* – Realmente o julguei, durante alguns instantes.

43. Quando tivestes a certeza da morte, sentistes pesar?

*Resp.* – Não, absolutamente. A vida não é para se lamentar.

44. Quando vos reconhecestes, onde vos encontráveis, e o que vos feriu primeiramente a vista?

*Resp.* – Encontrei-me com Espíritos que me rodeavam e me auxiliavam a sair da perturbação. Foi essa mudança que me impressionou.

45. Vós vos encontrastes junto ao vosso marido?

*Resp.* – Eu pouco o deixo. Ele me vê, evoca-me, e isto substitui meu pobre corpo.

46. Fostes rever imediatamente as pessoas que tínheis conhecido: o Sr. Dumas e os outros espíritas de Sétif?

*Resp.* – R. Não; não imediatamente. Pensei que me evocariam; não havia muito que os havia deixado, mas encontrei alguns que conhecera e que não via há séculos. Eu era médium e

espírita. Todos os Espíritos que eu havia evocado vieram receber-me. Isto me sensibilizou. Se soubésseis como é agradável reencontrar os amigos neste mundo!

47. O mundo dos Espíritos vos pareceu uma coisa estranha e nova?

*Resp.* – Oh! sim.

48. Esta resposta nos surpreende, porque não é a primeira vez que vos achais no mundo dos Espíritos.

*Resp.* – R. Isto nada tem que deva surpreender. Eu não era tão adiantada quanto hoje; e, depois, a diferença entre o mundo corporal e o mundo dos Espíritos é tão grande que haverá de surpreender sempre.

49. Vossa explicação poderia ser mais clara. Isto não resultaria dos progressos realizados pelo Espírito, cada que vez que retorna ao mundo espiritual, ensejando-lhe percepções novas que o levam a encarar esse mundo sob outro aspecto?

*Resp.* – É bem isto. Eu vos disse que não era tão adiantada quanto hoje.

*Observação* – A seguinte comparação permite compreender o que se passa em tal circunstância. Suponhamos que um pobre camponês venha a Paris pela primeira vez; freqüentará uma sociedade, residirá num bairro compatível com a sua situação. Depois de uma ausência de vários anos, durante os quais tivesse ficado rico e adquirido certa educação, retorna a Paris e se encontra num meio completamente diverso do da primeira vez, e que lhe parecerá novo. Compreenderá e apreciará uma porção de coisas que apenas havia despertado sua atenção da primeira vez. Numa palavra, terá dificuldade em reconhecer sua antiga Paris e, no entanto, será sempre Paris, embora se lhe apresente sob um aspecto novo.

50. Como julgais agora as comunicações que são recebidas em Sétif? São, em geral, melhores ou piores?

*Resp.* – São como em toda parte: há boas e más, verdadeiras e falsas. Muitas vezes se ocupam de coisas que não são bastante sérias nem consideradas com acerto. Mas não julgam fazer mal. Tentarei corrigi-los.

51. Agradecemos a vossa presença e as explicações que houvestes por bem nos dar.

*Resp.* – Também vos agradeço por terdes pensado em mim.

## Medicina Intuitiva

Plessis-Boudet, 23 de maio de 1860.

Senhor,

Em minha última carta dei-vos um boletim das curas obtidas por meio da medicação da Srta. Godu. Estou sempre com a intenção de vos manter ao corrente dos fatos, mas hoje julgo mais útil falar do seu modo de tratar. É bom manter as pessoas a par disso, porque de longe vêm doentes que fazem uma idéia muito falsa desse gênero de medicação, e que se expõem a fazer uma viagem inútil ou de pura curiosidade.

A Srta. Godu não é sonâmbula. Jamais consulta a distância, nem mesmo em meu domicílio, mas apenas sob minha direção e meu controle. Quando estamos de acordo, o que ocorre quase sempre, pois agora estou em condições de apreciar sua medicação, começamos o tratamento convencionado e a Srta. Godu faz os curativos e prepara as tisanas. Numa palavra, age como enfermeira, mas enfermeira *de elite*, e com um zelo sem paralelo, em nossa modesta casa de saúde improvisada.

Será por um fluido depurador, de que seria dotada, que ela consegue resultados tão preciosos?

Será por sua pertinácia na aplicação dos curativos, ou pela confiança que inspira?

Será, enfim, por um sistema de medicação bem concebido e bem dirigido, que ela obtém sucesso?

Tais as três perguntas que muitas vezes me faço.

No momento não quero entrar na primeira questão, porque exige um estudo aprofundado e uma discussão científica de primeira ordem. Ela virá mais tarde.

A respeito da segunda questão, hoje posso resolver afirmativamente, uma vez que a Srta. Godu se acha nas mesmas condições que todos os médicos, enfermeiras ou operadores, que sabem levantar o moral de seus doentes e inspirar-lhes uma confiança salutar.

Quanto à terceira questão, não hesito mais em resolvê-la afirmativamente. Adquiri a convicção de que a medicação da Srta. Godu constitui todo um sistema muito metódico. Este sistema é simples em sua teoria, mas, na prática, varia ao infinito; e é na aplicação que reclama toda a atenção e toda a habilidade possíveis. O profissional mais experiente tem dificuldade em compreender, de saída, esse mecanismo e essa série de modificações incessantes, em razão do progresso ou do declínio da doença. Fica ofuscado e pouco compreende; mas, com o tempo, dá-se conta facilmente dessa medicação e dos seus efeitos.

Seria longo demais enumerar em detalhes e, *currente calamo*, todo um sistema médico novo para nós, embora, por certo, muito antigo em relação à idade dos homens em nosso planeta. Eis as bases sobre as quais repousa o sistema, que raramente sai da medicina revulsiva.

Na maioria dos casos, a Srta. Godu aplica um tópicó extrativo, composto de uma ou duas matérias, encontradas em toda

parte, na choupana como no castelo. Esse tópicus tem uma ação de tal modo enérgica que se obtêm efeitos incomparavelmente superiores a todos os nossos revulsivos conhecidos, sem excetuar o cautério atual e as moxas<sup>20</sup>. Às vezes, ela se limita à aplicação de vesicatórios, quando um efeito mais enérgico não é indispensável. A habilidade consiste em proporcionar o remédio ao mal, em manter uma supuração constante e variada, e eis o que ela obtêm com um unguento tão simples que não se pode classificar no número dos medicamentos. Pode ser assimilado aos ceratos simples e mesmo aos cataplasmas; entretanto, tal unguento produz efeitos duráveis e muito variados: aqui são sais calcários que aparecem sobre o emplastro; nos hidrópicos, é água; nas pessoas com humores, é uma supuração abundante, ora clara, ora espessa. Enfim, os efeitos de seu unguento variam ao infinito, por uma causa que ainda não apreendi e que, aliás, deve entrar no estudo da primeira questão. Isto quanto ao exterior. Mais tarde dir-vos-ei uma palavra sobre a medicação interna, que compreendo facilmente. Não se deve pensar que o mal seja tirado qual se fora um passe de mágica; como sempre, são precisos tempo e perseverança para curar radicalmente as doenças rebeldes.

Acceitai, etc.

*Morhéry*

## Uma Semente de Loucura

O *Journal de la Haute-Saône* narrou, ultimamente, o seguinte fato:

Viram-se reis destronados sepultar-se nas ruínas de seus palácios; vêem-se infelizes jogadores renunciarem à vida após a perda da fortuna; mas um proprietário que se suicida para não

<sup>20</sup> N. do T.: bastonete de artemísia, que, queimado em contato com a pele de certas regiões do corpo, produz efeito comparável ao da acupuntura.

sobreviver à expropriação de um pedaço de terra, é o que talvez jamais se tenha visto, antes do caso que relatamos. Um proprietário de Saint-Loup foi advertido de que uma de suas quintas seria expropriada, no dia 14 de maio, pela Companhia de Estradas de Ferro do Leste. A informação o afetou vivamente. Não podendo suportar a separação de suas terras, deu sinais de alienação mental. No dia dois de maio saiu de sua casa às três horas da manhã e afogou-se no rio de Combeauté.”

Realmente, é difícil suicidar-se por um motivo tão fútil, e um ato tão desarrazoado não pode ser explicado senão por um transtorno cerebral; mas o que teria produzido esse transtorno? Indubitavelmente, não foi a crença nos Espíritos. O fato da desapropriação do terreno? Mas, então, por que não se tornam loucos todos aqueles cujas terras são desapropriadas? Dirão que é porque nem todos têm o cérebro tão fraco. Então, admitis uma predisposição natural à loucura; e não poderia ser de outra forma, já que a mesma causa nem sempre produz o mesmo efeito. Já o dissemos muitas vezes, em resposta aos que acusam o Espiritismo de provocar a loucura. Que digam se, antes de cogitar-se dos Espíritos, não havia loucos e se não há loucos entre os que não crêem nos Espíritos? Uma causa física ou uma violenta comoção moral apenas poderão produzir uma loucura momentânea. Fora disso, se examinarmos os antecedentes, sempre serão encontrados sintomas, que uma causa fortuita pode desenvolver; então a loucura toma o caráter da preocupação principal. O louco fala daquilo que o preocupa, mas a causa não é a preocupação; esta, quando muito, é uma espécie de forma de manifestação. Assim, havendo uma predisposição para a loucura, aquele que se ocupa de religião terá uma loucura religiosa; o amor produzirá a loucura amorosa; a ambição, a loucura das honras e das riquezas, etc. No fato narrado acima seria absurdo ver outra coisa além de um simples efeito, que qualquer outra causa teria provocado, pois havia predisposição. Agora, vamos mais longe: diremos, com toda clareza, que se esse proprietário, tão impressionável em relação ao seu terreno, estivesse imbuído profundamente dos princípios do Espiritismo, não teria

enlouquecido nem se afogado, duas desgraças que teriam sido evitadas, como nos mostram numerosos exemplos. A razão disso é evidente. A loucura tem como causa primeira uma fraqueza moral relativa, que torna o indivíduo incapaz de suportar o choque de certas impressões, no número das quais figura, ao menos em três quartas partes, a mágoa, o desespero, o desapontamento e todas as tribulações da vida. Dar ao homem a força necessária para ver tais coisas com indiferença, é atenuar a causa mais freqüente que o leva à loucura e ao suicídio. Ora, essa força ele a tira da Doutrina Espírita bem compreendida. Ante a grandeza do futuro que se descortina aos nossos olhos, e de que dá prova patente, as tribulações da vida tornam-se tão efêmeras que deslizam sobre a alma como a água sobre o mármore, sem deixar traços. O verdadeiro espírita não se liga à matéria senão o estritamente indispensável para as necessidades da vida; mas, se algo lhe falta, conforma-se, porque sabe que está aqui de passagem e que uma sorte muito melhor o aguarda. Também não se aflige por encontrar acidentalmente uma pedra em seu caminho. Se o nosso homem estivesse imbuído dessas idéias, em que se teriam tornado aquelas terras aos seus olhos? A contrariedade que sofreu teria sido insignificante ou nula, e uma desgraça imaginária não o teria conduzido a uma desgraça real. Em resumo, um dos efeitos – e, podemos dizer, um dos benefícios do Espiritismo – é o de dar à alma a força que lhe falta em muitas circunstâncias, e é nisto que ele pode reduzir as causas da loucura e do suicídio. Como se vê, os fatos mais simples podem ser uma fonte de ensinamentos para quem quer refletir. É mostrando as aplicações do Espiritismo nos casos mais vulgares que se fará compreender toda a sua sublimidade. Não está aí a verdadeira filosofia?

## Tradição Muçulmana

Extraímos a passagem seguinte da sábia e notável obra que o Sr. Géraldy Saintine publicou, sob o título de *Três Anos na Judéia*.

“Quando o sultão de Babel Bakhtunnassar (Nabucodonosor) foi enviado por Deus para punir os filhos de Israel, que tinham abandonado a doutrina da unidade, despojou o templo de todos os objetos preciosos que lá se achavam reunidos. E, reservando para si mesmo o trono de Salomão, com seus suportes, os dois leões de ouro puro, animados por uma arte mágica, que defendiam a entrada, distribuiu o resto do saque aos diversos reis de sua corte. O rei de Roum recebeu o hábito de Adam e a vara de Moisés; o rei de Antakie teve o trono de Kelkis e o pavão maravilhoso, cuja cauda, toda em pedrarias, formava no trono um rico dossel; o rei de Andaluzia tomou a mesa de ouro do Profeta. Um cofre em pedra, que continha a Torá (Bíblia), estava no meio de todas essas riquezas, e ninguém lhe dava atenção, embora, de todos os tesouros, fosse o mais precioso. Assim, deixaram-no abandonado ao capricho dos ladrões, que percorriam a cidade e o templo, passando a mão em tudo que encontravam. O depósito da palavra divina desapareceu nessa imensa desordem.

“Quarenta anos mais tarde, estando aplacada a sua cólera, Deus resolveu estabelecer os filhos de Israel em sua herança e suscitou o Profeta Euzer (Esdras) – Que Deus o salve! predestinado pela vontade divina a uma missão gloriosa. Ele passara toda a juventude na prece e na meditação, negligenciando as ciências humanas para absorver-se na contemplação do Ser Infinito, e vivia separado do mundo, no interior de uma das grutas que cercavam a cidade santa. Essa gruta ainda hoje se chama *El Azérie*<sup>21</sup>. Obedecendo à ordem de Deus, saiu de seu retiro e veio entre os filhos de Israel para indicar-lhes como deveriam reconstruir o templo e restabelecer a honra dos antigos ritos.

“Mas o povo não acreditou na missão do profeta. Declarou que não se submeteria à lei; que até cessaria os trabalhos de construção do templo e iria habitar outras terras, se não lhe apresentassem o livro em que nosso senhor Moisés – Que Deus o Salve! – tinha consignado todas as prescrições religiosas a ele

21 Nome árabe da gruta conhecida sob o nome de Túmulo de Lázaro.

ditadas no monte Sinai. O livro havia desaparecido e todas as buscas para o encontrar foram infrutíferas.

“Euzer, então, nesse grande embaraço, fez a Deus fervorosas preces para que o tirasse dessa aflição e impedisse o povo de persistir no caminho da perdição. Estava sentado debaixo de uma árvore, contemplando com tristeza as ruínas do templo, em redor das quais se agitava a multidão indócil, quando, de repente, uma voz do alto lhe ordenou que escrevesse; e, embora jamais tivesse pegado num *qalam* (pena, caniço), obedeceu imediatamente. Depois da prece do meio-dia até o dia seguinte à mesma hora, sem se alimentar, sem se levantar do lugar bendito onde estava sentado, continuou a escrever tudo quanto lhe ditava a voz celeste, não hesitando um só instante, nem mesmo se detendo ante as trevas da noite, porquanto uma luz sobrenatural iluminava o seu Espírito e um anjo lhe guiava a mão.

“Todos os filhos de Israel estavam assombrados e contemplavam em silêncio essa manifestação da onipotência divina. Mas quando o profeta terminou sua cópia milagrosa, os imãs, invejosos do favor particular do qual acabavam de ser objeto, pretenderam que o novo livro fosse uma invenção diabólica e que em nada se parecia com o antigo.

“Euzer dirigiu-se novamente à Bondade Infinita e, cedendo a uma súbita inspiração, encaminhou-se, seguido por todo o povo, para a fonte de Siloé. Chegado diante da fonte, levantou as mãos ao céu, proferiu uma longa e ardente prece e, com ele, toda a multidão se prostrou. De repente apareceu uma pedra quadrada na superfície da água, flutuando como se sustentada por mão invisível; nela os imãs reconheceram, trêmulos, o cofre sagrado, há muito perdido. Euzer o tomou com respeito. O cofre abriu-se por si mesmo; a Torá de Moisés saiu dele, qual se fora animada de vida própria, e a nova cópia, escapando-se do seio do profeta, foi colocar-se na caixa sagrada.

“A dúvida não era mais permitida. Entretanto, o santo homem exigiu que os imãs confrontassem os dois exemplares. Estes, apesar de sua confusão, obedeceram-lhe a vontade. Após longo exame, testemunharam em altas vozes que nem uma só palavra, nem um *kareket* (acento) fazia a menor diferença entre o livro escrito por Euzer e o que tinha sido traçado por Moisés. Desde que prestaram essa homenagem à verdade, Deus, para os punir de seus erros, apagou os seus olhos e os mergulhou nas trevas eternas.

“Assim, os filhos de Israel foram trazidos à fé de seus pais. O lugar onde se havia sentado o chefe que Deus lhes tinha dado foi chamado depois *Kerm ecb Cheick* (*cercado ou vinha do Xeque*).”

Quem não reconhecerá neste relato vários fenômenos espíritas que os médiuns reproduzem aos nossos olhos e que nada têm de sobrenatural?

## Erro de Linguagem de um Espírito

Recebemos a seguinte carta, a propósito do fato de escrita direta, relatado em nosso número da *Revista Espírita* do mês de maio.

Senhor,

Somente hoje li o vosso número de maio, e nele encontro o relato de uma experiência de escrita direta, feita em minha presença, em casa da Srta. Huet. Para mim é um prazer confirmar o relato, à exceção de um pequeno erro, que escapou ao narrador. Não é *God loves you*, mas *God love you*, que encontramos no papel, isto é, o verbo *love*, sem a letra *s*, não estava na terceira pessoa do presente do indicativo. Assim, não se poderia traduzir por *Deus vos ama*, a menos que se subentenda a palavra *que* e se dê à frase uma forma de imperativo ou de subjuntivo. A observação

foi feita na sessão seguinte ao Espírito Channing (se é que foi mesmo ao Espírito Channing, pois me conheceis e vos peço permissão para conservar minhas dúvidas sobre a identidade absoluta dos Espíritos); e o Espírito Channing, digo eu, não se explicou muito categoricamente a respeito deste s, omitido de propósito ou por inadvertência; ele próprio nos censurou um pouco, se tenho boa memória, por ligar importância a uma letra a mais ou a menos numa experiência tão notável.

A despeito dessa censura amistosa, feita pelo Espírito Channing, julguei por bem vos comunicar minha observação sobre a maneira pela qual a palavra *love* foi realmente escrita. O honrado Sr. E. B..., que ficou com o papel, pôde mostrá-lo e o mostrará a muitas pessoas; e entre estas poderão achar-se algumas que tenham conhecimento do vosso último número. Ora, importa – e estou persuadido de que também pensais como eu – que a maior fidelidade se encontre no relato de fatos tão estranhos e tão maravilhosos que obtemos.

Aceitai, etc.

*Mathieu*

Havíamos notado perfeitamente a falta assinalada pelo Sr. Mathieu e nos incumbimos de a corrigir, embora sabendo, por experiência, que os Espíritos ligam pouquíssima importância a esses tipos de peca-dinhos, com os quais os mais esclarecidos não têm nenhum escrúpulo. Assim, não ficamos absolutamente surpreendidos com a observação de Channing, em presença, como o disse, de um fato de somenos importância. A exatidão na reprodução dos fatos é, sem dúvida, uma coisa essencial; mas a importância desses fatos é relativa, e confessamos que se devêssemos sempre, para o francês, seguir a ortografia dos Invisíveis, os senhores gramáticos estariam com o queijo e a faca na mão, tratando-os de cozinheiros, mesmo que o médium tenha sido aprovado nessas matérias. Temos um, ou uma, na Sociedade, favorecido com todos esses diplomas, e

cujas comunicações, embora escritas muito pausadamente, contêm numerosos erros desse gênero. Os Espíritos sempre nos têm dito: “Ligai-vos ao fundo e não à forma; para nós, o pensamento é tudo; a forma, nada. Corrigi, pois, a forma, se quiserdes. Nós vos deixamos esse cuidado.” Se, portanto, a forma for defeituosa, não a conservamos senão quando pode servir de ensinamento. Ora, tal não era o caso, em nossa opinião, no fato acima, porquanto o sentido era bastante evidente.

## **Ditados Espontâneos e Dissertações Espíritas**

**RECEBIDOS OU LIDOS NAS SESSÕES DA SOCIEDADE**

**A VAIDADE**

**Pela Sra. Lesc..., médium**

Quero falar da vaidade, que se mescla a todas as ações humanas. Ela macula os mais suaves pensamentos; invade o coração e o cérebro. Planta maligna, abafa a bondade em seu nascedouro; todas as qualidades são aniquiladas por seu veneno. Para lutar contra ela, é preciso exercitar a prece; somente ela nos dá força e humildade. Homens ingratos! Esqueceis de Deus incessantemente. Ele não é para vós senão o socorro implorado na aflição, e jamais o amigo convidado para o banquete da alegria. Para iluminar o dia ele vos deu o sol, radiação gloriosa, e para clarear a noite, as estrelas, flores de ouro. Por toda parte, ao lado dos elementos necessários à Humanidade, pôs o luxo necessário à beleza de sua obra. Deus vos tratou como faria um anfitrião generoso que, para receber seus convidados, multiplica o luxo de sua mansão e a abundância do festim. Que fazeis vós, que tendes apenas o coração para lhe oferecer? Longe de o honrar com as vossas virtudes e alegrias, longe de lhe oferecer as premissas de vossas esperanças, não o deseiais e somente o convidais a penetrar-vos o coração quando o luto e as decepções amargas vos trabalharam e deixaram marcas. Ingratos! Que esperais para amar vosso Deus? A desgraça e o abandono. Antes lhe ofereci o coração, livre de dores; ofereci-lhe, como

homens em pé, e não como escravos ajoelhados, vosso amor purificado do medo, e na hora do perigo ele se lembrará de vós, que não o esquecesteis na hora da felicidade.

*Georges (Espírito familiar)*

### A MISÉRIA HUMANA

A miséria humana não está na incerteza dos acontecimentos, que ora nos elevam, ora nos precipitam. Reside inteira no coração ávido e insaciável, que incessantemente aspira a receber, que se lamenta da secura de outrem e jamais se lembra da própria aridez. Essa desgraça de aspirar a mais alto que a si mesmo, essa desgraça de não poder satisfazer-se com as mais caras alegrias, essa desgraça, digo eu, constitui a miséria humana. Que importa o cérebro, que importam as mais brilhantes faculdades, se elas são sempre ensombradas pelo desejo amargo e insaciável de que algo lhe escapa sem cessar? A sombra flutua junto ao corpo, a felicidade flutua junto à alma, para ela inatingível. Não deveis, entretanto, nem vos lamentar, nem maldizer a sorte; porque essa sombra, essa felicidade, fugidia e móvel como a onda, pelo ardor e pela angústia que deposita no coração, dá-nos a prova da divindade aprisionada na Humanidade. Amai, pois, a dor e sua poesia vivificante, que faz vibrar vossos Espíritos pela lembrança da pátria eterna. O coração humano é um cálice repleto de lágrimas; mas vem a aurora, e beberá a água de vossos corações; para vós ela será a vida que deslumbrará vossos olhos, enceguecidos pela obscuridade da prisão carnal. Coragem! Cada dia é uma libertação; marchai na dolorosa senda; marchai, acompanhando com o olhar a maravilhosa estrela da esperança.

*Georges (Espírito familiar)*

### A TRISTEZA E O PESAR

Pela Sra. Lesc..., médium

É um erro ceder freqüentemente à tristeza. Não vos enganéis: o pesar é o sentimento firme e honesto que se apossa do

homem atingido no coração ou nos interesses; mas a fastidiosa tristeza é apenas a manifestação física do sangue em sua lentidão ou rapidez de curso. A tristeza encobre com seu nome muito egoísmo, muitas fraquezas; debilita o Espírito que a ela se abandona. O pesar, ao contrário, é o pão dos fortes. Este amargo alimento nutre as faculdades do espírito e diminui a parte animal. Não procureis o martírio do corpo, mas sede ávidos pelo tormento da alma. Os homens compreendem que devem mover suas pernas e braços para manter a vida do corpo, mas não compreendem que devem sofrer para exercitar as faculdades morais. A felicidade, ou apenas a alegria, são hóspedes tão passageiros da Humanidade que não podeis, sem ser por elas esmagados, suportar sua presença, por mais leve que seja. Fostes feitos para sofrer e sonhar incessantemente com a felicidade, porquanto sois aves sem asas, chumbados ao solo, que olhais o céu e desejais o espaço.

*Georges (Espírito familiar)*

*Observação* – Estas duas comunicações encerram, incontestavelmente, belíssimos pensamentos e imagens de grande elevação; mas nos parecem escritas sob o império de idéias um pouco sombrias e um tanto misantrópicas. Dir-se-ia haver nelas a expressão de um coração ulcerado. O Espírito que as ditou faleceu há poucos anos. Em vida era amigo do médium, do qual, após a morte, se tornou o gênio familiar. Era um pintor de talento, cuja vida tinha sido calma e muito despreocupada. Mas quem sabe se teria sido o mesmo na existência anterior? Seja como for, todas as suas comunicações atestam muita profundidade e sabedoria. Poderiam pensar que fossem o reflexo do caráter do médium. A Sra. Lesc... é, incontestavelmente, uma mulher muito séria e acima do vulgo, sob muitos aspectos, e é isso, sem dúvida – abstração feita à sua faculdade mediúnica – que lhe granjeia a simpatia dos Espíritos bons. Mas a comunicação seguinte, obtida na Sociedade, prova que pode receber outras de caráter muito variado.

## A FANTASIA

Médium – Sra. Lesc...

Queres que te fale da fantasia. Ela foi minha rainha, minha dona, minha escrava. Eu a servi e a dominei. Sempre submetido às suas adoráveis flutuações, jamais lhe fui infiel. É ainda ela quem me impele a falar de outra coisa: da facilidade com que o coração carrega dois amores, facilidade desprezada e muito censurada. Considero absurda essa censura dos bons burgueses, que só gostam de seus pequenos vícios moderados, mais enfadonhos ainda que suas virtudes; do mesmo modo que uma cerca viva de arbustos delimita os jardins de um padre, eles só admitem o que seus miolos limitados podem compreender. Tens medo do que te digo; fica tranqüila; Musset tem a sua garra; não se lhe pode pedir gentilezas de cãesinhos amestrados. É preciso suportar e compreender seus gracejos, verdadeiros sob sua frívola aparência, tristes sob sua alegria, risonhos nas suas lágrimas.

*Alfred de Musset*

*Observação* – Uma pessoa que só tinha ouvido esta comunicação por ocasião de sua primeira leitura dizia, numa sessão íntima, que lhe parecia de pouca significação. O Espírito Sócrates, que participava da conversa, respondendo a essa observação, escreveu espontaneamente: “Não, tu te enganas; relê a mensagem; há coisas boas; ela é muito inteligente e isto tem o seu lado bom. Diz-se que nisso se conhece o homem. Com efeito, é mais fácil provar a identidade de um Espírito do vosso tempo do que do meu; e, para certas pessoas, é útil que, de vez em quando, tenhais comunicações deste gênero.”

Certo dia em que se conversava sobre os médiums e sobre o caráter de Alfred de Musset, que um dos assistentes acusava de ter sido muito material em vida, o poeta escreveu espontaneamente a notável comunicação que se segue, por um de seus *médiums preferidos*:

## INFLUÊNCIA DO MÉDIUM SOBRE O ESPÍRITO

Médium – Sra. Schmidt

Somente os Espíritos superiores podem comunicar-se indistintamente por todos os médiuns e manter em toda parte a mesma linguagem. Mas eu não sou um Espírito superior, razão por que, às vezes, sou um pouco material. Contudo, sou mais adiantado do que imaginais.

Quando nos comunicamos por um médium, a emanção de sua natureza se reflete mais ou menos sobre nós. Por exemplo, se o médium é dessas naturezas em que predomina o coração, desses seres elevados, capazes de sofrer por seus irmãos; enfim, dessas almas devotadas, nobres, que a infelicidade tornou fortes e que ficaram puras em meio à tormenta, então o reflexo faz bem, no sentido de nos corrigirmos espontaneamente e nossa linguagem se ressentir. Mas no caso contrário, se nos comunicamos por um médium de natureza menos elevada, servimo-nos pura e simplesmente de sua faculdade como nos utilizamos de um instrumento. É então que nos tornamos o que chamamos de um pouco material. Dizemos coisas espirituosas, se quiseres, mas deixamos de lado o coração.

*Pergunta* – Os médiuns instruídos, de espírito culto, são mais aptos a receber comunicações elevadas do que os que não têm instrução?

*Resposta* – Não, repito. Somente a essência da alma se reflete sobre os Espíritos, mas os Espíritos superiores são os únicos invulneráveis.

*Alfred de Musset*

## Bibliografia

Num artigo acima falamos de uma nova publicação periódica sobre o Espiritismo, feita em Londres, sob o título de *The*

*Spiritual Magazine*. A Itália não fica a reboque do movimento que conduz as idéias para o mundo invisível. Recebemos o prospecto de um jornal que se publica em Gênova, sob o título de *L'Amore del Vero, periodico di scienze, letteratura, belle arti, magnetismo animale, omeopatia, elettrotelegrafia, Spiritismo, etc. Sotto la direzione dei signori D. Pietro Gatti e B. E. Maineri*. Esse jornal aparece três vezes por mês, em cadernos de dezoito páginas.

O Dr. Gatti, diretor do Instituto Homeopático de Gênova, é um adepto esclarecido do Espiritismo, e não temos dúvida de que as questões relativas a esta ciência sejam por ele tratadas com o talento e a sagacidade que o caracterizam.

A HISTÓRIA DE JOANA D'ARC, ditada por ela mesma à Srta. *Ermance Dufaux*, cuja reimpressão anunciamos, acaba de aparecer na Livraria Ledoyen. Já nos referimos a essa obra notável na *Revista Espírita*, número de janeiro de 1858. Desde essa época nossa opinião não variou quanto à sua importância, não somente do ponto de vista histórico, mas como um dos fatos mais curiosos de manifestação espírita. A reimpressão era vivamente reclamada, e não duvidamos que obtenha um sucesso tanto maior, quanto os partidários da nova ciência são hoje mais numerosos do que no tempo da primeira publicação.

*Allan Kardec*